

ESTUDO PALEOGRÁFICO DE ABREVIATURAS VISIGÓTICAS EM DOCUMENTOS LATINO-PORTUGUESES DO SÉCULO XI

ESTUDIO PALEOGRAFICO DE ABREVIATURAS VISIGÓTICAS EN DOCUMENTOS LATINO-PORTUGUESES DEL SIGLO XI

Leonardo Lennertz Marcotulio¹
Millena Cassim Rodrigues Guedes²

RESUMO: O objetivo deste artigo é contribuir aos estudos do período proto-histórico da língua portuguesa, a partir de uma investigação de natureza paleográfica sobre as abreviaturas visigóticas presentes em um texto medieval pertencente à documentação latino-portuguesa escrita no futuro território de Portugal: "Carta de venda feita por adosinda justiz a joão gondesindes e mulher ximena de uma herdade na vila de são vicente, território de lafões, pelo preço de 9 soldos de prata", de 1100, conservada no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT). O estudo paleográfico das abreviaturas colabora com o processo de transcrição, edição e interpretação dos textos, além de contribuir diretamente ao desenvolvimento de estudos, com base na documentação remanescente, de estágios pretéritos da história da língua portuguesa que receberam pouca atenção por parte da literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Paleografia; Abreviaturas visigóticas; Documentos latino-portugueses; Manuscritos medievais; português proto-histórico.

RESUMEN: El objetivo de este artículo es contribuir a los estudios del periodo protohistórico de la lengua portuguesa, a partir de una investigación paleográfica de las abreviaturas visigóticas presentes en un texto medieval perteneciente a la documentación latino-portuguesa escrita en el futuro territorio de Portugal: "Carta de venda feita por adosinda justiz a joão gondesindes e mulher ximena de uma herdade na vila de são vicente, território de lafões, pelo preço de 9 soldos de prata", de 1100, conservada en el Archivo Nacional Torre do Tombo (ANTT). El estudio paleográfico de abreviaturas colabora con el proceso de transcripción, edición e interpretación de textos, además de contribuir directamente al desarrollo de estudios, a partir de la documentación restante, de etapas pasadas de la historia de la lengua portuguesa que recibieron poca atención por parte de la literatura.

PALABRAS CLAVE: Paleografía; Abreviaturas visigóticas; Documentos latino-portugueses; Manuscritos medievales; portugués protohistórico.

Introdução

De acordo com o dicionário HOUAISS (2001) da Língua Portuguesa, o ato de "abreviar" pode ser definido como "tornar-se breve, reduzir-se, resumir". De forma mais específica para o

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: marcotulio@letras.ufrj.br. ORCID: 0000-0001-8227-5144

² Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: millenacassim@letras.ufrj.br. ORCID: 0000-0002-0378-3253

campo que aqui nos interessa, consoante Sobral (2007, p. 10) o ato de abreviar é uma forma de “representar as palavras por sinais e alguns elementos gráficos”. É, para a autora, um ato complexo, “uma vez que, nesse processo, as palavras são reduzidas de diferentes formas.” E é a partir dessas formas que são constituídos os sistemas de abreviaturas.

É possível que, de maneira geral, se pense que as abreviaturas estão relacionadas diretamente à economia de tempo de execução de uma determinada palavra e economia de espaço físico, em relação ao suporte da escrita. Essa justificativa, no entanto, não parece ser consensual na literatura da área. De acordo com Núñez Contreras (1994, p. 107, tradução própria), por exemplo, “escrever uma palavra abreviada pode levar mais tempo e exigir mais atenção do que se escrever com todas as suas letras.” De igual forma, a economia de espaço também é questionada pelo autor, por falta de respaldo mais consistente. Duchowny, Coelho e Coelho (2014) compartilham dessa ideia e sugerem que economia de tempo e economia de espaço podem ser noções dissociadas. Algumas abreviaturas podem até apontar para uma economia de espaço físico no suporte, mas serem, ao mesmo tempo, mais elaboradas.

Seja como for, estamos diante de procedimentos fixados nas práticas de escrita de determinada época, que podem ter se formado ao longo do tempo por razões diversas, para além da economia de tempo e espaço, como uma consequência da “frequente repetição de uma mesma palavra” por um determinado grupo social (NUÑEZ CONTRERAS, 1994, p. 107), por exemplo.

O uso de sistemas de abreviaturas é muito antigo, existindo desde a época Romana e tendo se popularizado durante o período medieval, quando são registradas em grande quantidade nos manuscritos (SOBRAL, 2007, p. 13). Higounet (2003) ressalta que no período que compreende os séculos X e XI ocorre uma multiplicação do ato de abreviar.

Dentro do âmbito paleográfico, as abreviaturas são umas das maiores causas das dificuldades enfrentadas durante o processo de leitura e transcrição paleográfica (BERWANGER; LEAL, 2015, p. 91-94). Entender e estudar esses sistemas é um papel muito importante para a compreensão dos textos medievais, pois a decifração das abreviaturas contribui para a interpretação de um texto (SPINA, 1977, p. 44).

Neste sentido, a partir dessas considerações iniciais, este trabalho, de orientação paleográfica, tem dois objetivos principais: o primeiro é apresentar uma transcrição paleográfica de uma carta de venda conservada no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (doravante ANTT); o segundo objetivo é levantar e estudar algumas abreviaturas encontradas no documento selecionado.

A identificação, a caracterização e o desdobramento de uma abreviatura são de fundamental importância para o desenvolvimento de uma boa transcrição paleográfica.

Para tanto, este texto se estrutura da seguinte forma. Na primeira seção, apresentam-se informações arquivísticas do corpus de trabalho. Além disso, são apresentadas informações gerais sobre a escrita visigótica, utilizada em território Ibérico dentre os séculos IX e XII, assim como o latim notarial, língua presente na documentação aqui analisada. A segunda seção traz as normas de transcrição, a ficha de descrição do documento, a edição fac-similar da carta, disponibilizada pelo ANTT, assim como a transcrição paleográfica do texto. A terceira e última seção é dedicada ao estudo das abreviaturas encontradas no documento e suas respectivas classificações de acordo com Muñoz y Rivero (1919) e Sobral (2007).

1 *Corpus* de trabalho

O *corpus* utilizado neste artigo, inicialmente estudado por Guedes e Marcotulio (2020), consiste em uma carta conservada no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), com o título: "Carta de venda feita por adosinda justiz a João gondesindes e mulher ximena de uma herdade na vila de São Vicente, território de Lafões, pelo preço de 9 soldos de prata", de 1100.

A partir dos dados fornecidos pelo arquivo, o manuscrito, de número 56, pertence ao maço 1 dos Documentos particulares do Cabido da Sé de Coimbra, que compreende testemunhos datados dos séculos X-XI, podendo ser localizado pelo código PT/TT/CSC/1DP01/056.

1.1 Escrita visigótica

A escrita presente na documentação latino-portuguesa, e no documento em particular aqui estudado, é nomeada como visigótica. Trata-se de um modelo utilizado em documentos manuscritos no território da Península Ibérica entre os séculos VIII-XII, que faz parte de um conjunto de escritas conhecidas como "pré-carolinas" ou "nacionais" (CUENCA MUÑOZ, 2000, p. 74-75), que são variedades de escritas desenvolvidas a partir da chamada escrita nova romana, um modelo cursivo e minúsculo, e utilizadas antes da escrita carolina que unificou boa parte da escrita na Europa (HIGONET, 2003, p. 115-125).

A evolução da escrita nova romana se deu após o período da queda do império romano, que resultou numa fragmentação dos territórios pertencentes a Roma, dando lugar à fragmentação gráfica caracterizada pelos particularismos gráficos (GIOGIO CENCETTI, 1956 apud CUENCA

MUÑOZ, 2000, p. 74). De acordo com Cuenca Muñoz (2000), esses particularismos gráficos foram anacronicamente nomeados como "escritas nacionais", termo cunhado por Jean Mabillon, e têm como exemplos as escritas das Ilhas britânicas, irlandesa e anglo-saxã (séc. VI-XII); da Itália, longobarda no norte e beneventana no sul (VI/VIII-XIII); da França, merovíngia e carolina (VI/VII-IX); e da Península Ibérica, visigótica (VIII-XII).

Em relação à escrita visigótica, sua nomenclatura se deu com base nos visigodos, povo bárbaro que ocupou o território ibérico alguns séculos antes do estabelecimento dessa escrita, mas só foi utilizada como modelo em documentos manuscritos durante a ocupação muçulmana no território, que se deu a partir do século VIII. Por ser nomeada a partir de um povo, mas utilizada em séculos posteriores, existe uma certa problematização quanto à sua nomenclatura. Alguns paleógrafos, no entanto, a denominam de visigótica por ser o termo estabelecido e convencionado na área (SANTOS, 2000, p. 95).

Do ponto de vista paleográfico, a escrita visigótica possui algumas particularidades. De acordo com Cuenca Muñoz (2000, p. 85), alguns estudiosos consideram-na a escrita mais particular e com características próprias e específicas que a distingue da sua escrita de origem, a nova romana. As principais particularidades dizem respeito à sua divisão em relação aos modelos adotados: escrita visigótica redonda e escrita visigótica cursiva.

Na escrita visigótica redonda as letras são traçadas mais isoladamente, apresentando um menor número de nexos (união de um conjunto de letras seguidas que apresentam um traço em comum; procedimento realizado de forma voluntária) e ligaduras (união natural das letras ou palavras pela cursividade; procedimento realizado de forma involuntária) (ALTURO i PERUCHO, 2016, p. 122). Tem, assim, um aspecto mais caligráfico. Em contrapartida, na escrita visigótica cursiva as letras são traçadas a partir do "correr da mão" (MARÍN MARTÍNEZ, 1988, p. 117), apresentando, assim, uma maior quantidade de nexos e ligaduras pelo maior grau de cursividade.

Além de ambas as divisões, pode-se encontrar textos em visigótica semicursiva, uma mescla da escrita redonda e cursiva, e textos em visigótica de transição para a carolina, uma escrita visigótica com influência da escrita carolina até o processo de mudança para a esta última escrita (SANTOS, 2003).

No que se refere ao texto que está sendo contemplado neste artigo, observa-se a escrita visigótica redonda, sendo as letras traçadas de forma isolada, de modo mais caligráfico.

1.2 O latim notarial

Quando analisamos documentos em escrita visigótica localizados no futuro território de Portugal, é preciso que se leve em consideração não apenas as particularidades do modelo de escrita utilizado, mas também do período em que esses documentos foram escritos. Os documentos em escrita visigótica que estejam datados do século IX até o século XII abarcam um período caracterizado, nos estudos de história da língua portuguesa, como proto-histórico.

Para Mattos e Silva (2008), esse período se insere em outro período descrito como pré-literário, ou seja, anterior à escrita em língua portuguesa. Uma das principais características do período proto-histórico é a presença de documentos escritos em latim, mas que já apresentam traços da futura variedade românica que se desenvolve no noroeste da Península Ibérica (MATTOS e SILVA, 2008, p. 22).

O latim utilizado nessa documentação remanescente foi nomeado pela filologia portuguesa como "latim bárbaro", mas também se encontram as nomenclaturas de "latim notarial" ou "latim tabeliônico", enquanto a documentação pode ser descrita como "latino-portuguesa":

Este termo [latim bárbaro], usado continuamente em Portugal por historiadores e filólogos pelo menos desde o século XIX para designar a língua escrita dos documentos notariais redactados entre os séculos IX e XIII (sendo ainda hoje recorrente entre os académicos portugueses), recebeu o seu estatuto “oficial” do fundador da filologia portuguesa, Francisco Adolpho Coelho, que considerava essa forma de escrita como nada mais do que uma “gíria de tabelliães e de gente de igreja” (COELHO, 1868:25) ou “gírias de tabelliães ignorantes” (COELHO, 1887:124). (EMILIANO, 2010, p. 6)

Desta forma, o documento escolhido para este estudo está escrito em latim, pensando-se na concepção geral do termo e de acordo com as informações do arquivo, mais especificamente o latim notarial, ou seja, aquele em que se encontram vestígios da língua romance que se desenvolve em Portugal. Além disso, é importante destacar que o latim notarial presente em documentos era apenas uma língua de registro, uma vez que, por apresentar vestígios da variedade românica, por hipótese, esta já seria evidente na oralidade daqueles escribas antes de se encontrarem vestígios na escrita (EMILIANO, 2010).

2 Critérios para a realização da transcrição paleográfica

As normas de transcrição utilizadas foram elaboradas com base nas “Normas para transcrição de documentos manuscritos para a história do português do Brasil” do Projeto “Para a História do Português Brasileiro (PHPB)” disponibilizadas em Mattos e Silva (2001) e nas “Normas

Técnicas para Transcrição e Edição de Documentos Manuscritos” apresentadas em Berwanger e Leal (2015).

Levando-se em consideração o estudo das abreviaturas visigóticas que será realizado posteriormente neste artigo, optamos pela elaboração de uma transcrição conservadora, pensando em manter de forma fiel os elementos presentes no documento, incluindo-se as abreviaturas, como se pode observar nas normas apresentadas a seguir:

- (1) A transcrição foi de natureza conservadora.
- (2) As variações alográficas de um mesmo grafema foram uniformizadas.
- (3) As abreviaturas não foram desenvolvidas e foram mantidas como no modelo.
- (4) A pontuação, os acentos gráficos e diacríticos foram mantidos como no modelo.
- (5) Foi mantida a troca de linha (edição justalinear) sendo marcada como “L1 (linha um)”; “L2 (linha dois)”, para as linhas, e “C1 (coluna 1), C2 (coluna 2), para as colunas.
- (6) Foi respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no modelo.
- (7) Quando houve dúvida sobre a decifração de alguma letra, parte de ou vocábulo inteiro, o elemento em questão foi posto entre colchetes e em itálico. Exemplos: “neq: pe[*rti*]me[*s*]cetis [meti] sed ”
- (8) Letra ou palavra(s) simplesmente não decifradas, sem deterioração do suporte, justificam intervenção do editor com a indicação entre colchetes conforme o caso: [?] para letras, [inint.] para vocábulos e [inint. + n linhas] para a extensão de trechos maiores. Exemplos: “ua[?]ga”; “[inint.]na cart[*a*]”.
- (9) Letra ou palavra(s) não legíveis por deterioração ou rasura justificam intervenção do editor com a indicação entre colchetes conforme o caso: [.] para letras, [ilegível] para vocábulos e [ilegível. + n linhas] para a extensão de trechos maiores. Exemplos: “[ilegível] [ilegível]eto pro inteinporibus”. Em casos necessários, o editor indicou em nota a causa da elegibilidade: corroído, furo, borrão, rasura, etc.
- (10) Supressões feitas pelo escriba ou pelo copista no modelo foram tachadas. Exemplos: “~~supra~~ ~~dicata~~”.
- (11) As assinaturas, quando legíveis, foram transcritas normalmente. Caso contrário, foram sinalizadas como [assinatura].
- (12) Os sinais públicos e as rubricas foram sublinhados e indicados entre colchete: [sinal público], [rubrica].

(13) Inserções do escriba ou do copista, para não conferir à mancha gráfica um aspecto demasiado denso, obedecem ao seguinte critério: Se na entrelinha do documento original, entraram na edição em alinhamento normal e entre os sinais: []; [↑], se na entrelinha superior; [↓], se na entrelinha inferior. Por exemplo: “quoq[↑9]”.

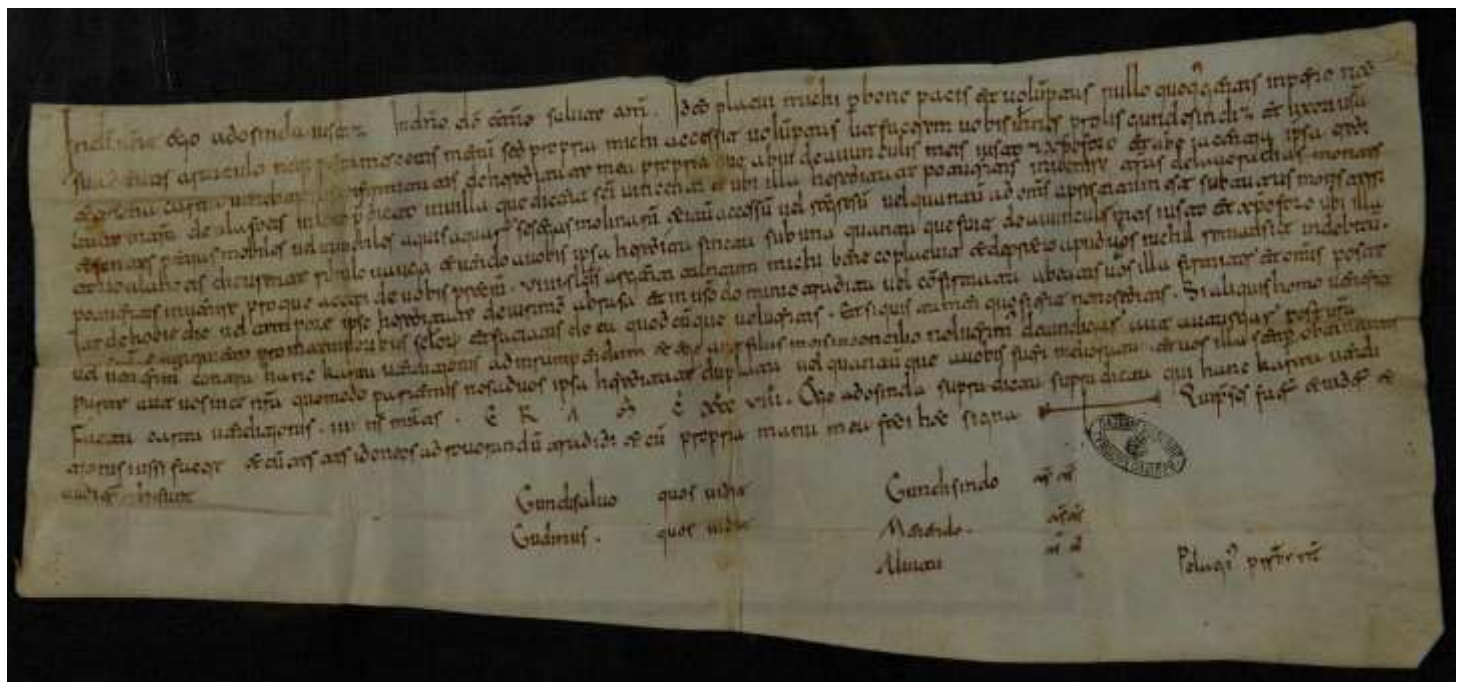
2.1 Ficha de descrição do documento

Quadro 1 – Ficha de descrição do documento

Data cronológica	4 de março de 1100
Data tópica	São Vicente de Lafões, Portugal
Tipologia textual	Carta de venda
Autor	Adosinda Justiz
Destinatários	João Gondesindes e mulher Ximena
Registro	Manuscrito
Suporte	Pergaminho
Estado de conservação	Bom
Número de fólios	1
Cota	PT/TT/CSC/IDP01/0561100-03-04
Conteúdo	Carta de venda feita por Adosinda Justiz sobre a venda de uma herdade na vila de São Vicente de Lafões, freguesia Portuguesa, vendida pelo preço de 9 soldos de prata para João Gondesindes e sua mulher, Ximena.
Transcrição	Millena Cassim Rodrigues Guedes
Revisão da transcrição	Leonardo Lennertz Marcotulio
Data de elaboração da ficha	29 de maio de 2021

2.2 Fac-símile do documento

Imagem 1 – "Carta de venda feita por adosinda justiz a joão gondesindes e mulher ximena de uma herdade na vila de são vicente, território de lafões, pelo preço de 9 soldos de prata", de 1100". Fac-símile disponível no acervo digital do ANTT



2.3 Transcrição paleográfica

L1: Indññe ego adosinda iustiz Indño dō [etiño] saluate am̄. Ideo placui michi p̄ bone pacis et uolūpt[a]s nullo quoq[↑9] gent[i]s imperio nec

L2: [suadeitis] articulo neq: pe[r]ti]me[s]cetis [metū] sed propria michi accesit uolūptas ut facerem uo bisihner prolis gundesindiz et uxori usã

L3: [inint.]na cart[a] uendi[tionis] [ilegível] firmitatis de hereditate mea propria que abui de auunculis meis iusto [et] x̄poforo et abe [iaceitia] ipsa eredi

L4: tate in[ti]ã de ala foies in loco p̄ dicto in uilla que diceit sc̄i uincenti et ubi illa hereditate potueritis in uenire [t̄ras] delauora dias monaes

L5: et fontes petrus mobiles uel in mobiles aquis aquar [sĩmbulo] [seregas] molinarũ x̄itũ accessũ uel regresũ uel quantũ ad oĩs aprertitum est subtutus monste[r]ri

L6: torio alaho eis dicurente ribulo ua[?]ga et uendo auobis ipsa heredita fincti subuna quantu que fuit de a[uii]nculis meis iusto et x̄poforo ubi illa

L7: potieritis inuenire pro que accepi de uobis preciũ. Viii. [slcTs] argeiti tantum michi bene coplacuit et deprecio apud uos nichil remansit indebitĩ.

L8: Ite de hodie die uel tempore ipse hereditate deiuri[m]õ abrasa et in uõ do minio tiaditu uel cõfirmata abeatis uos illa firmiter et oĩs poste

L9: [ilegível] [ilegível]eto pro inteinporibus [scTort] et faciatis de ea quod cũque uolu[?]itis. Et siquis tuinen quo fierit non creditis. Si aliquis homo uenerit

L10: uel uen erim[↑9] contra hanc karta ueiditionis ad inrumpendam et ego aut filius meis in concilio noluerim[↑9] de[ui]ndigar(?) aut autusgar(?) post uña

L11: parte aut uosince nña quomodo pariem[ui]s nosaduos ipsa hereditate duplatu uel quantũ que auobis fueri meliorata. Et uos illa semp obtine[atis]

L12: Facta carta ueriditionis. IIII nñ mñts. ERA M[↑a] C[↑a] X[↑a]XX VII[↑a]I. Ego adosinda ~~supra dicata~~ supra dicata qui hanc karta ueidi

L13: tionis iussi facere et cũ tes [[tes]] idoneos ad rouorandũ tradidi et cũ propria manu mea feci hec signa [sinal] [S]uiþses fueĩ et uideĩ et

L14: audieĩ hisunt

C1: Gundisalu quos uidit Gundisindo tñ tñ

C2: Gudirius. quos uidit Meieido tñ tñ

C3: Aluitu tñ tñ

C4: Pelagi[↑9] p[rr]br [rt]

3 Estudo das abreviaturas visigóticas

O estudo das abreviaturas pode auxiliar o historiador da língua a acessar a língua presente nos documentos, assim como outros profissionais de áreas diversas, a quem os textos possam interessar. A transcrição conservadora, ou seja, elaborada sem o desenvolvimento das abreviaturas, por si só, já serviria de auxílio como fonte de estudo para filólogos e historiadores da língua. No entanto, o desenvolvimento das abreviaturas torna-se útil para uma melhor compreensão da língua presente nos documentos, que, como visto anteriormente, é uma língua híbrida, latino-romance. Dessa forma, o desenvolvimento das abreviaturas pode, de alguma forma, facilitar a interpretação dos textos.

Com o intuito de dirimir as dificuldades provocadas pela presença de abreviaturas, em relação à leitura e ao estudo de documentos do período proto-histórico, serão apresentadas nesta

seção as abreviaturas levantadas no texto. O presente trabalho não traz um levantamento exaustivo das abreviaturas, mas sim um recorte de um estudo maior que vem sendo realizado.

Em nenhuma parte do manuscrito foram encontradas formas desenvolvidas das abreviaturas presentes, o que implica dificuldades na realização da transcrição e no entendimento do texto completo. Assim, aqui serão apresentadas as abreviaturas levantadas no documento e suas respectivas classificações, tendo como base a proposta de Muñoz y Rivero (1919) e a obra de Sobral (2007). Dessa forma, o modelo de apresentação das abreviaturas seguirá o formato de quadros contendo o fac-símile da abreviatura, a linha em que se encontra e seu desdobramento, apresentado entre parênteses. Para a realização do desdobramento, utilizou-se a forma que essas abreviaturas apareciam no texto de Muñoz y Rivero (1919).

Durante o estudo das abreviaturas no *corpus* de trabalho, foram encontradas cerca de 56 abreviaturas. Por ser um estudo em fase inicial, apenas algumas delas serão apresentadas neste artigo, pois foram as que conseguimos decifrar e propor o seu desenvolvimento. Dessa forma, boa parte das abreviaturas não foi desenvolvida por dificuldade na identificação das letras ou sílabas que foram suprimidas e por não encontrarmos sua forma desenvolvida em textos que tratassem sobre a escrita visigótica.

Dito de outra forma, uma das maiores dificuldades encontradas no estudo em questão foi compreender quais palavras faziam referência a determinadas abreviaturas. Para auxiliar no desdobramento das abreviaturas, foram utilizados dicionários latino-portugueses para a identificação de determinadas palavras. Além do uso dos dicionários, também foram utilizadas as listas de abreviaturas disponibilizadas por Muñoz y Rivero (1919, p. 89-109) ao realizar o estudo da braquigrafia visigótica.

Como teremos a oportunidade de ver, algumas das abreviaturas aqui apresentadas se valem de sinais (gerais ou especiais) de abreviação, em que são usados elementos gráficos para substituir letras ou sílabas (SOBRAL, 2007, p. 28). Um dos sinais encontrados é um sinal geral, também chamado de "traço geral abreviativo", usado como recurso na parte superior da palavra representando a sílaba ou letra que foi suprimida, como exemplificado na imagem 2 com a palavra "cu(m)" ou na parte inferior da haste de uma letra, como se vê na imagem 3 com a palavra "p(er)".

Imagem 2 – abreviatura cu(m). Imagem retirada da nona linha.



Imagem 3 – abreviatura p(er). Imagem retira da décima primeira linha.



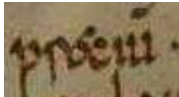
Vejamos, nas subseções a seguir, como se classificam as abreviaturas aqui levantadas.

3.1 Abreviaturas por apócope ou suspensão

Nas abreviaturas por apócope ou suspensão ocorre a “supressão das letras finais da palavra e o uso de sinais gerais de abreviação” (MUÑOZ y RIVERO, 1919, p. 91). No documento estudado, estas são localizadas em grande quantidade, como se vê no quadro que se segue:

Quadro 2 – Abreviaturas por apócope ou suspensão

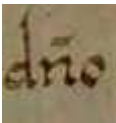

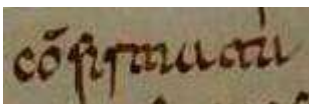
Imagem da abreviatura	Linha	Desenvolvimento
	1	am(em)
	1	p(er)
	2	usa(m)
	5	accessu(m)
	5	regressu(m)

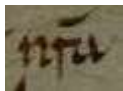
	5	quantu(m)
	7	preciu(m)
	9	cu(m)

3.2 Abreviaturas por síncope ou contração

São as abreviaturas nas quais as letras suprimidas pertencem ao interior da palavra (MUÑOZ y RIVERO, 1919, p. 93-94). De acordo com os autores, as letras normalmente suprimidas são <m> e <n>. No quadro abaixo pode-se observar algumas abreviaturas encontradas.

Quadro 3 – Abreviaturas por síncope ou contração

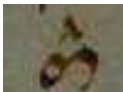


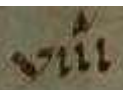
Imagem da abreviatura	Linha	Desenvolvimento
	1	d(omi)no
	1	d(e)o
	1	uolu(m)ptas
	8	co(n)firmata

	11	n(ost)ra
---	----	----------

3.3 Abreviaturas de letras "numéricas"

Na escrita visigótica é comum encontrarmos o sistema numérico romano, usado pelas letras I, V, X, L, C, D e M. Os numerais romanos são formados por abreviaturas indicadas com uma letra sobreposta, podendo ser <o> ou <a>, e representam os numerais ordinais (MUÑOZ y RIVERO, 1919). No documento encontramos quatro abreviaturas de letras numéricas, apresentadas no quadro a seguir.

Quadro 4 – Abreviaturas de letras “numéricas”

Imagem da abreviatura	Linha	Desenvolvimento
	12	m(illesima)
	12	c(entesima)
	12	(trigesima)
	12	(oitava)

3.4 Notas tironianas e nomina sacra

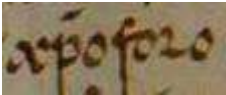
De acordo com Sobral (2007, p. 18), as notas tironianas fazem parte do sistema de abreviaturas que era utilizado pelos romanos desde aproximadamente o século II a.C. e eram usadas “para

reproduzir integralmente os discursos dos oradores romanos” (SOBRAL, 2007, p. 20). Como exemplo, no texto encontramos uma nota tironiana na linha 3, como mostrado na imagem 4 a seguir, que representa a conjunção aditiva “et”.

Imagem 4 – nota tironiana da conjunção aditiva “et”. Imagem retirada da terceira linha.



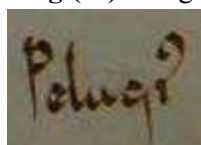
Além das notas tironianas, existiam também os *nomina sacra*, que “são abreviaturas utilizadas para substituir os termos sagrados nos manuscritos cristãos” (SOBRAL, 2007, p. 21). De acordo com Sobral (2007), não tinham qualquer relação com economia de espaço e sim em respeito a Deus. No *corpus* de trabalho encontramos dois exemplos de abreviaturas *nomina sacra*:

Imagem da abreviatura	Linha	Desenvolvimento
	3 e 6	(christ)oforo

3.5 Abreviaturas especiais

Também são encontradas abreviaturas que utilizam um sinal especial semelhante ao algarismo 9 para indicar as terminações em *us*, como exemplificado na imagem 5 na palavra “pelagi(us)”:

Imagem 5 – Abreviatura Pelagi(us). Imagem retirada da quinta coluna.



Conclusão

Os documentos manuscritos, de acordo com Sobral (2007, p. 31), possuem “duas faces distintas e ao mesmo tempo inseparáveis: guardam e escondem informações”. Cabe a nós,

pesquisadores, buscar esses textos, investigá-los, interrogá-los, com o objetivo de trazer à luz informações que se escondem e se perdem nas névoas do tempo.

Neste trabalho, realizamos um breve estudo paleográfico das abreviaturas visigóticas, com o intuito de auxiliar a sua decifração em documentos latino-portugueses e facilitar (assim como fomentar) o trabalho sobre o período proto-histórico da língua portuguesa.

Além de questões relacionadas à língua desse tipo de documentação, o grande número de abreviaturas e a dificuldade de seu desenvolvimento são fatores que se convertem em obstáculos ao trabalho do pesquisador interessado em ler, transcrever e investigar esses textos.

Esperamos, assim, ter lançado luz sobre algumas das informações escondidas, nas palavras de Sobral (2007), que os textos medievais em escrita visigótica podem conter. Nosso intuito é avançar, em estudos futuros, na decifração de mais abreviaturas, de modo a contribuir e estimular estudos sobre estágios mais pretéritos da língua.

Referências

ALTURO i PERUCHO, J. La escritura visigótica. In: GALENDE DIAZ, J. C; CABEZAS FONTANILLA, S; ÁVILA SEOANE (Coord.), N . **Paleografía y escritura hispánica**. Madrid. Editorial Síntesis, S. A. 2016, p. 111-130.

BERWANGER, A.; LEAL, J. **Noções de paleografia e de diplomática**. 5 ed. Santa Maria: Editora UFSM, 2012.

CUENCAS MÚÑOZ, P. La fragmentación de la escritura latina: las escrituras precarolinias. In: TERRERO, A. R. **Introducción a la Paleografía y la Diplomática General**. Madrid: Editorial Síntesis, 2000, p. 73-87.

DUCHOWNY, A . T.; COELHO, S. M.; COELHO, G. H. Sistema de abreviaturas de documentos adamantinos setecentistas. **Revista Letras**, Curitiba, n. 90, p. 233-252, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5380/rel.v90i2.36430>>. Acesso em maio. 2020.

EMILIANO, A. O conceito de ‘latim bárbaro’ na tradição filológica portuguesa: algumas observações gerais sobre pressupostos e factos (scripto-) linguísticos. In: GONZÁLEZ, J. E. (Org.). **Lenguas, reinos y dialectos en la Edad Media ibérica: la construcción de la identidad : homenaje a Juan Ramón Lodares**. Madrid: Iberoamerica, 2008, p. 191-232.

GUEDES, M. C. R; MARCOTULIO, L. L. **Carta de venda feita por Adosinda Justiz a João Gondesindes e Mulher Ximena, de 1100: edição e comentários paleográficos**. In: XX Colóquio de Pós-graduação e Pesquisa em Letras Neolatinas. Anais [...]. Rio de Janeiro: PPGLEN, 2020. p. 483-489.

HIGOUNET, C. **História concisa da escrita**. 10. ed. São Paulo: Parábola, 2003.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MATTOS E SILVA, R. V. (Org.). Normas para transcrição de documentos manuscritos para a história do português do Brasil. In: **Para a história do português brasileiro**. São Paulo: Humanitas; FAPESP, 2001. (Primeiros Estudos em dois Tomos; v. 2). p. 553-555.

MARÍN MARTÍNEZ, T. (Org.). **Paleografía y Diplomática**. 3 ed. Vol. I. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1988.

MUÑOZ y RIVERO, D. J. **Paleografía visigoda: método teórico-práctico para aprender a leer los códices y documentos españoles de los siglos V al XII**. Madrid: Daniel Jorro, 1919.

NÚÑEZ CONTRERAS, L. **Manual de Paleografía. Fundamentos e história de la escritura latina hasta el siglo VIII**. Madrid: Cátedra, 1994.

SANTOS, M. J. A. **Ler e compreender a escrita na Idade Média**. Lisboa: Edições Colibri, 2000

SOBRAL, M. G. T. **Abreviaturas: uso e função nos manuscritos**. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/28200>>. Acesso em maio. 2021.

SPINA, S. **Introdução à edótica: crítica textual**. São Paulo: Cultrix/Universidade de São Paulo, 1977.